

O DISCURSO HUMORÍSTICO: ESTEREÓTIPOS DO NEGRO EM PIADAS

Leandro Sant'Anna da Silva Guimarães (UFRJ/FABERJ)

leandrossg@yahoo.com

RESUMO

Quando se conta uma piada, reproduz-se, ainda que de maneira não intencional, por meio de um discurso muito bem aceito no seio da sociedade brasileira, imagens pré-concebidas de um determinado grupo social. Essas imagens – os estereótipos – são frutos de ideologias das classes dominantes, que desejam atribuir a certo grupo um *status* de inferioridade. Nesse sentido, este artigo faz uma análise dos estereótipos veiculados por piadas retiradas de *sites* de humor e que têm o negro como tema. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, a qual discute os conceitos de discurso e ideologia, bem como a relação destes com o humor e os estereótipos.

Palavras-chave: Discurso. Ideologia. Estereótipos.

1. Introdução

As piadas fazem parte do cotidiano de muitas pessoas, seja nas relações informais com parentes e amigos, seja no âmbito profissional de alguns humoristas que se servem delas em suas apresentações. O que talvez não fique aparente para a maioria das pessoas são os estereótipos veiculados por elas, bem como os preconceitos reforçados através de discursos muito bem aceitos, os quais se mostram “inocentes” às vezes, mas consagram conceitos como “a loira é burra”, “a sogra é insuportável”, “o gaúcho é gay”, “o negro é detestável e/ou ladrão”, dentre tantos outros.

São as piadas campos extremamente ricos para análises linguísticas, discursivas e ideológicas. É possível tratá-las com rigor científico, e não apenas como peças de entretenimento, pois elas retomam discursos profundamente arraigados e versam sobre temas que são sempre cruciais para uma sociedade. (POSSENTI, 2014)

Considerando que na sociedade pós-moderna as relações têm se tornado cada vez mais informais, com maior abertura para o humor, desprezando, muitas vezes, o cerimonialismo e criando maior interação entre os homens por meio de brincadeiras e piadas (BARRETO, 2003), associado ao fato de que o nosso país é solo de uma sociedade que, com o decorrer dos anos, não foi capaz de eliminar o preconceito racial contra aqueles que tiveram significativa participação na formação da nossa

identidade nacional, julgamos relevante desenvolver um trabalho que unisse estes dois elementos: a ascensão do humor (representada pelas piadas) e o preconceito contra o negro.

Para isso, na primeira seção deste artigo, discutimos o conceito de discurso, estabelecendo sua relação com o humor; na segunda, é trabalhado o conceito de ideologia, bem como o seu vínculo com o discurso e os estereótipos; enquanto na terceira, é feita a análise de estereótipos do negro presentes em piadas retiradas de *sites* de humor.

Neste estudo, pudemos observar que através das piadas é reproduzida a ideologia que deseja manter o negro num *status* inferior na sociedade brasileira.

2. O discurso humorístico

O termo discurso é comumente utilizado e relacionado a diversas áreas do conhecimento, como a sociologia, a linguística e filosofia, por exemplo. Fala-se do discurso pedagógico, discurso filosófico, discurso capitalista, discurso socialista, como também do discurso machista, discurso feminista, discurso publicitário, discurso político, discurso religioso, dentre tantos outros. Diante da grande incidência dessa palavra, cabe a seguinte pergunta: Afinal, qual é o real significado de discurso?

Foucault entende o discurso como “conjunto de saberes e práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (1997, p. 56). Seguindo esse ponto de vista, Ivaine Maria Tonini afirma que

(...) o discurso vai além de sua simples identificação com um conjunto de signos que designam conteúdos, descrevem fatos, remetem ao que está descrito. Ele é criador de significados, um processo social de dar sentido aos fatos e às coisas, produzindo seu próprio objeto. O discurso tem o efeito de fazer com que a realidade se torne o que ele diz que ela é ou deveria ser. É por essa sua capacidade de fabricar realidades que o que é dito sobre as coisas passa a ter efeito de verdade. (TONINI, 2002, p. 28)

O discurso está intrinsecamente ligado tanto à língua quanto à ideologia. É o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos (BRANDÃO, 2004). Ele é o material específico da ideologia, é através dele que as ideias se propagam na sociedade, sejam elas verdadeiras ou não, da mesma forma que ele só se materializa porque existe uma língua, um conjunto de palavras, um sistema de signos, dos quais ele se vale e se constitui.

Quando nos propomos a falar de discurso, a observar suas características mais específicas, elegemos como objeto da nossa análise o discurso humorístico, mais precisamente o discurso das piadas. A respeito destas, Sírio Possenti (1998) afirma que constituem um material muito interessante por compreenderem temas socialmente controversos, por operarem com estereótipos e por veicularem, na maioria das vezes, um discurso proibido. Além disso, o autor sugere que elas são um ótimo objeto de análise para um estudioso da linguagem ou do discurso por mostrarem um domínio complexo da língua.

Assim, quando conta uma piada, com a intenção de provocar riso no seu público, o locutor apropria-se, por vezes, de um discurso construído a partir de um jogo de palavras (trocadilhos) ou se vale de um discurso erótico ou preconceituoso. Neste caso, o emissor, ainda que não intencionalmente, acaba por expor opiniões que não exporia se não através das piadas. Em consonância com essa ideia de utilizar a piada para revelar um discurso proibido, Sigmund Freud (1977) afirma:

Um chiste nos permite explorar no inimigo algo de ridículo que não poderíamos tratar aberta ou conscientemente, devido a obstáculos no caminho; ainda uma vez, o chiste evitará as restrições e abrirá fontes de prazer que se tinham tornado inacessíveis. Ele ademais subornará o ouvinte com sua produção de prazer, fazendo com ele se alinhe conosco sem uma investigação mais detida, exatamente como em outras frequentes ocasiões fomos subornados por um chiste inocente que nos levou a superestimar a substância de uma afirmação expressa chistosamente. (FREUD, 1977, p. 103)

Logo, anestesiadas pelo efeito do riso, as pessoas recebem de bom grado os preconceitos veiculados pelo discurso das piadas e, sem uma reflexão mais profunda (ou reflexão alguma), propagam tais preconceitos ao recontarem as histórias que tanto lhes provocaram prazer.

É interessante observar que as pessoas acham graça do diferente, do inesperado, daquilo que foge do padrão estabelecido pela sociedade. E as piadas trabalham com a ruptura dos padrões sociais ou, quando não temáticas, com desfechos não previstos. Assim, é válido recordar as palavras de Henri Bergson (1983, p. 28): “Haverá quem explique o riso pela *surpresa*, pelo *contraste* etc., definições que se aplicariam a um sem-número de casos nos quais não temos vontade alguma de rir”.

Portanto, por meio de um discurso bem elaborado, ainda que simples, as piadas conquistam os seus ouvintes, porque lhes causam prazer, aliviam-lhes as tensões, mas sustentam uma ideologia, cultivando estereótipos arraigados no seio da sociedade, dos quais trataremos mais adiante.

3. Ideologia e discurso

Sabe-se que a comunicação entre os homens se dá por meio da linguagem. Esta é “uma instituição social, o veículo das ideologias, o instrumento de mediação entre os homens e a natureza, os homens e os outros homens” (FIORIN, 1998, p. 6). Assim, língua, discurso e ideologia estão intrinsecamente ligados.

Para José Luiz Fiorin, a ideologia é “uma ‘visão de mundo’, ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social” (*idem, ibidem*, p. 29). Desse modo, não há conhecimento neutro, uma vez que ele sempre expressa um ponto de vista de determinada sociedade. A ideologia constitui e é constituída pela realidade. Ela não é um conjunto de ideias que surge da mente de alguns pensadores, mas é determinada pelo modo de produção de uma sociedade. Por conseguinte, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante.

Segundo Marilena Chauí, a ideologia pode ser entendida como um processo de “mascaramento” da dominação de uma classe sobre as outras em uma sociedade cujos padrões seguem os impostos pelos dominantes. A autora afirma que

Além de procurar fixar seu modo de sociabilidade através de instituições determinadas, os homens produzem ideias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Em sociedades divididas em classes (e também em castas), nas quais uma das classes explora e domina as outras, essas explicações ou essas ideias e representações serão produzidas e difundidas pela classe dominante para legitimar e assegurar seu poder econômico, social e político. (CHAUÍ, 2004, p. 23-24)

De acordo com José Luiz Fiorin, “não existem ideias fora dos quadros da linguagem” (1998, p. 32), ou seja, todo pensamento é expresso através da linguagem, o conjunto de representações e de ideias de uma determinada sociedade será materializado por meio de um discurso.

Se por um lado o discurso é social, pois é a materialização da visão de mundo de certa classe social e é determinado por essa visão, o texto, por outro lado, é individual e consciente, uma vez que o homem é quem organiza os elementos linguísticos para veicular o discurso à sua maneira. Então, conforme José Luiz Fiorin (1998), embora o discurso simule ser individual (apoiado na individualidade criativa dos textos), não existe uma individualidade discursiva absoluta, não existe homem livre das coerções sociais.

Além disso, há de se analisar a posição do falante com relação ao discurso, se é o primeiro suporte ou agente do segundo. Para José Luiz Fiorin, o falante é visto como suporte do discurso e não como agente, pois, ao elaborar o seu discurso, reproduz “valores, carências, desejos, explicações, justificativas e racionalizações existentes em sua formação social” (FIORIN, 1998, p. 43), isto é, o indivíduo apenas reproduz os discursos que assimilou durante a sua formação. O agente do discurso, então, são as classes e as frações de classes sociais.

Dessa forma, as piadas reproduzem um discurso social, pois exprimem os valores construídos pela sociedade. Na verdade, cada anedota expressa o pensamento de uma determinada classe em posição privilegiada com relação à outra, ou seja, reproduz o pensamento da classe dominante. Assim, os estereótipos veiculados pelas piadas são frutos de ideologias das classes dominantes, que procuram explicar e/ou justificar, através do humor, o porquê de ocuparem uma posição privilegiada na sociedade ou serem superiores às outras classes, ainda que se trate de uma falsa realidade.

Os estereótipos são imagens pré-concebidas de determinadas pessoas e são usados, principalmente, para definir e limitar pessoas ou grupos na sociedade. Isto é, a partir de um conceito de um grupo social, atribui-se uma característica, na maioria das vezes depreciativa, a todas as pessoas desse grupo. De acordo com Sírio Possenti,

(...) o estereótipo também deve ser concebido como social, imaginário e construído e se caracteriza por ser uma redução (frequentemente negativa), eventualmente um simulacro. Assim, o simulacro é uma espécie de identidade pelo avesso – digamos, uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar, eventualmente, pelo seu Outro. (POSSENTI, 2014, p. 40)

Baseado nas ideologias das classes dominantes, nasce o estereótipo, o qual é bastante difundido na sociedade, e essa difusão se dá de forma dinâmica. Nesse sentido, Eliana Maria Borges (2006) afirma que

Ele generaliza e produz uma ilusão de naturalidade; é um dizer previamente estabelecido e tomado como suposta verdade, funcionando como automatismo. Por isso pode ser considerado dinâmico porque, ao ser difundido, ele vai se elaborando e construindo-se como “verdade” em determinado meio social. (BORGES, 2006, p. 54)

Desse modo, os estereótipos circulam livremente pela sociedade, perpassam gerações e são aceitos, de maneira geral. Tal aceitação é ainda maior se através do humor, pois se passam por inocentes, através de um

discurso que, aparentemente, objetiva causar prazer, provocar riso.

4. Estereótipos do negro em piadas

Para realizar a análise dos dados, selecionamos nove piadas, retiradas dos *sites* de humor, para o estudo de estereótipos atribuídos ao negro (na maioria delas chamado de preto): negro é ladrão, negro não tem futuro, negro não é gente, negro deve morrer, negro é macaco, o homem negro possui um órgão genital maior que o normal. A escolha desses estereótipos se deu por sua maior ocorrência no material coletado dos *sites* supracitados. Alguns textos apresentam mais de um estereótipo para o negro.

Um dos estereótipos mais atribuídos ao negro consiste na sua associação com bandido, criminoso, mais especificamente ladrão. Vejamos dois exemplos:

- 1) Um negão estava andando com o seu BMW novinho pelas ruas da cidade, quando, de repente, um pneu furou. O negão parou o carro para trocar o pneu. Quando estava tirando o pneu furado, passou outro negão pela rua que, ao ver o carro, parou do lado do mesmo e deu uma bela porrada no vidro, reduzindo-o a cacos. O dono do carro ficou furioso:
 - Que isso? Olha o que você fez, seu filho da puta! Vou te dar porrada!!!
 - O outro negão respondeu:
 - Calma! Pode roubar o seu pneu sossegado. Eu só vou levar o toca-fitas...¹

- 2) Por que o Kinder Ovo é preto por fora e branco por dentro?
Porque se fosse preto por dentro, ele roubaria a surpresa.²

Em (1), o fato de o segundo “negão” não imaginar que o primeiro era o dono do carro, mas que roubava o pneu, assim como ele roubaria o toca-fitas, revela que há preconceito do negro contra si mesmo, por vezes. Além do estereótipo de ladrão, está subentendido que o negro não pode possuir um carro, muito menos um BMW (que é considerado um carro de luxo e tem um custo bastante elevado), pois ocupa posições menos privilegiadas na sociedade e não tem condições de comprar um au-

¹ Disponível em: <<http://piadistasdeplanta.no.comunidades.net/piadas-racistas>>

² Disponível em: <https://www.sergeicartoons.com/pretos_38976.htm>

tomável. É válido mencionar que o termo “negão” é comumente usado para designar homens negros de maior estatura e porte físico, consequentemente detentores de maior força física, daí, em (1), o segundo “negão” quebrar um vidro com uma “porrada” e o primeiro querer dar “porrada” no segundo. Além disso, convém observar o uso da palavra “porrada”, um termo chulo e que, normalmente, está associado à violência.

A piada (2) também veicula o estereótipo de que o negro é ladrão, e se vale do Kinder Ovo, um chocolate em forma de ovo, com uma camada externa de chocolate preto e uma camada interna de chocolate branco, que traz uma surpresa em seu interior: pequenas peças de um brinquedo para as crianças montarem. Cabe ressaltar que o uso da antítese preto/branco, demonstra uma oposição de caráter entre essas duas raças, ou seja, o preto é quem rouba, o branco não. Fica nítido, então, que se o Kinder Ovo fosse preto por dentro, a surpresa seria roubada, mas como ele é branco por dentro, a surpresa é preservada.

Observemos, agora, as charadas abaixo, que apresentam um corrente estereótipo atribuído ao negro: não tem perspectiva alguma de vida, ocupa a mais baixa camada social, é um ser inferior aos outros:

- 3) Se um preto e um português jogam bola no lixão, quem ganhará o jogo?
O preto, pois está jogando em casa!³
- 4) Por que cigana não lê mão de preto?
Porque preto não tem futuro.⁴

A piada (3) remete aos jogos de futebol, em que a expressão “jogar em casa” significa jogar no seu país, na sua cidade ou até mesmo no seu estádio, onde os jogadores fazem seus treinamentos, por isso têm familiaridade com o local. O sintagma “em casa”, no contexto acima, não somente sugere que o negro tem familiaridade com o lixão, mas também dá a entender que este é literalmente a sua casa, o local onde ele repousa. Considerando que o lixão é o lugar onde se depositam os resíduos sólidos gerados pela atividade humana e um local sujo, quando se diz que o lixão é a casa do negro, diz-se ainda, nas entrelinhas, que o negro também é um lixo (um lixo social, talvez), é sujo, “porco”, despreocupado com a higiene pessoal e com a do meio onde vive.

³ Disponível em: <<http://piadistasdeplanta.no.comunidades.net/piadas-racistas>>.

⁴ Disponível em: <<http://www.niggerjokes.xpg.com.br/piadasdenegros.htm>>.

É interessante observar que também há piadas de português e que este geralmente é visto como “burro”, “tapado”, o que pode ser uma informação que auxiliaria na descoberta de quem ganhará o jogo. Porém, na piada, não é este o motivo que justifica o fato de ele não ganhar a partida. Em (3) o lixão é um lugar estranho para o português, o que pode lhe causar dificuldades durante o jogo, contribuindo, assim, para que o negro vença. Há também, nesta anedota, a oposição “preto” e “branco”, ficando nítido que quem mora no lixão é o preto e não o branco, representado pelo português.

Já em (4), merece uma atenção especial o emprego da palavra “futuro”, que não está no sentido de tempo, no sentido de fatos que sucederão e que podem ser “previstos” por uma cigana, mas sim de que o negro não tem perspectiva alguma de vida, que ele jamais será alguém de prestígio na sociedade. Essa ideologia é fruto do desejo da classe dominante de manter o negro numa posição inferior. José Barbosa da Silva Filho (2006, p. 114-5) explica tal fenômeno:

Enquanto a escravidão era parte integrante do sistema econômico-social-cultural e ideológico brasileiro, o fato de ser/estar escravo, por si só, já implicava a inferioridade da raça negra e do cativo como indivíduo e como ser humano. [...] A 13 de maio de 1888, ele deixa de ser oficialmente escravo e a 15 de novembro de 1889 assume a condição de cidadão como os demais membros da sociedade. E aí? Como encarar o fato de que aquele ontem inferior, hoje seja um igual, um competidor? Formula-se então uma maneira de manter a desigualdade. Se a violência física explícita não pode mais ser adotada, utiliza-se a linguagem, a mentalidade, o imaginário, a ideologia para criar palavras, imagens, formas e teorias que desprestigiem esses que se querem iguais, perpetuando e reforçando o discurso anterior. (SILVA FILHO, 2006, p. 114-115)

Algumas piadas questionam a natureza humana do negro, não o aceitam como gente, mas sim como uma espécie de excremento ou qualquer outra coisa de nível inferior:

- 5) Quando preto é gente?
Quando está dentro do banheiro, alguém bate na porta e ele diz: Tem gente!
E quando ele sai?
É espancado porque mentiu.⁵
- 6) Um preto tava andando na rua e caiu num monte de merda. Veio um garotinho e disse “Tio, tá derretendo?”.⁶

⁵ Disponível em: <https://www.sergeicartoons.com/pretos_38976.htm>.

⁶ Disponível em: <<http://www.niggerjokes.xpg.com.br/piadasdenegros.htm>>.

Na piada (5), o negro é apresentado como um ser inferior, que não chega ao *status* de ser humano, de gente. Embora afirme ser gente quando está no banheiro, pressupõe-se que ele sabe que não é, pois é espancado ao sair porque mentiu, ou seja, faltou com a verdade. Nesse caso, são apresentados dois estereótipos para o negro: não é gente e é mentiroso. Deve-se observar também o uso do termo “espancado”, o qual remete à História, ou seja, parece que a trajetória não muda: o tempo passa e o negro merece ser espancado por algo errado que cometeu, na opinião de alguma outra pessoa, o branco.

O discurso de (6) “caracteriza-se pela violação das regras de discurso, basicamente pelo fato de que crianças dizem o que não se poderia dizer, ou seja, o que os adultos não poderiam dizer” (POSSENTI, 1998, p. 143). Então, por meio da criança inocente, aparentemente sem maldade (já que se refere ao negro como tio – uma expressão afetiva, carinhosa) e sincera, é feita a comparação do negro com a merda, quando pergunta ao negro se ele “tá derretendo”, o que um adulto não faria. A partir dessa comparação, pode-se depreender a ideia de que o negro não serve para nada, que ele fede e que deve ser descartado, já que a merda possui esses atributos. Vale ressaltar que quando se compara um “preto” com “merda”, por ser este um termo pejorativo, reforça-se o aspecto negativo atribuído ao negro.

Há piadas que trabalham com o estereótipo de que os negros são indesejáveis, de que eles incomodam e, portanto, devem morrer, Observemos o exemplo abaixo:

7) Qual é o cúmulo do desperdício?

Uma Kombi pegando fogo com três pretos dentro. Caberiam vinte.⁷

Nessa piada, a ideia de que os negros são indesejáveis é exposta de forma clara, pois quando (7) diz que o cúmulo do desperdício é uma Kombi pegando fogo com três pretos, em outras palavras, diz que os negros têm que morrer. É interessante observar que há exagero na afirmação de que “caberiam vinte” negros em uma Kombi, visto que este automóvel comporta, geralmente, 10 ou 12 passageiros. Tal exagero pode ser associado à ideia de que quanto menos negro houver na sociedade, melhor.

Além disso, há piadas que exploram, acima de tudo, o fato de os negros terem a pele escura. Nessas piadas é comum a associação do ne-

⁷ Disponível em: <<http://piadistasdeplantaio.no.comunidades.net/piadas-racistas>>.

gro com animais de aparência escura, como o macaco e o urubu, por exemplo, ou alguns elementos de cor preta, como carvão e tição. Vejamos um exemplo:

8) Qual é o parente mais próximo do macaco, o branco ou o preto?

O branco, pois o preto é o próprio.⁸

É bastante recorrente a associação do negro com o macaco, como ocorre em (8). Nesta piada, também se faz uso da antítese (branco/preto) e, enquanto o ouvinte espera que se diga que “o preto é o parente mais próximo do macaco”, vem a surpreendente resposta de que o parente mais próximo do macaco é “o branco, pois o preto é o próprio”. O negro, na piada, é apresentado como o próprio macaco. Isso possibilita duas depreensões: ao mesmo tempo em que o negro é visto como um animal irracional (não como um ser humano), quando se emprega a palavra macaco para designar o negro, os atributos do primeiro que se pretende transferir ao segundo estão ligados à cor da pele e à estética, pois o macaco não é considerado um animal ruim ou inferior se comparado aos outros animais.

Por outro lado, embora os estereótipos consistam, na maioria das vezes, em imagens depreciativas, quando se trata de piadas sexistas, o estereótipo do negro (pertencente ao gênero masculino) é positivo:

9) Era o grande dia. Mariazinha ia apresentar Tião, o futuro marido, à família. O pai recebe o noivo e percebe que ele é um pouco negro, pra não dizer um tição. Mas como? Um negro na família... Então, para dificultar o casamento, ele resolve impor uma série de exigências:

– Bem, você sabe, Tião... nós sempre demos do bom e do melhor para a Mariazinha. Então, para casar, você deve comprar uma grande casa com vista para o mar.

– Quando Tião ama, Tião compra.

O pai resolveu, então, dificultar um pouco mais:

– Também deve ter bastante cultura. Você sabe falar chinês mandarino?

– Quando Tião ama, Tião aprende.

Então o pai apelou:

– Ô droga! Então, tem que ter um pau de quarenta centímetros.

– Quando Tião ama, Tião corta.⁹

⁸ Disponível em: <http://piadistasdeplantaio.comunidades.net/piadas-racistas>

Essa piada apresenta, a princípio, o estereótipo de que o negro é indesejável, já que o pai de Mariazinha tenta dificultar a entrada de Tião para a família, impondo-lhe algumas exigências não muito fáceis de serem cumpridas, visto que uma casa grande com vista para o mar exigiria dele uma quantia significativa em dinheiro, bem como aprender chinês mandarino demandaria não somente investimento financeiro, como também dedicação aos estudos, e tudo isso seriam barreiras que poderiam impedir a entrada do rapaz para a família. Por outro lado, o desfecho de (9) surpreende o leitor, pois mostra a vitória de Tião sobre o futuro sogro, ao deixar transparecer que possui um órgão genital maior do que lhe é exigido. Sobre tal vitória, é interessante observar que a mesma não é muito comum, isto é, dificilmente o negro se sai bem nas situações retratadas pelas anedotas.

O humor de (9) está presente na última e inesperada fala de Tião – *Quando Tião ama, Tião corta* – a qual, no contexto, sobrepõe-se ao discurso de que o negro é indesejável, de que ele não tem condições de adquirir bens materiais ou intelectuais, uma vez que se tratando de masculinidade, o negro é superior, pois possui um órgão genital maior que os homens de outras raças.

5. *Considerações finais*

Apoiados, então, no discurso do humor, no discurso que conquista pelo prazer do riso, os estereótipos são veiculados e aceitos no seio da sociedade por meio das piadas, cumprindo o desejo de quem os produziu, uma classe dominante que tinha por intuito propagar as suas ideologias e manter a sua posição privilegiada.

Sabemos, através da história deste país, que o negro sempre foi uma espécie de *persona non grata* na nossa sociedade. Principalmente após a abolição da escravatura, quando lhe foram concedidos, teoricamente, os mesmos direitos civis, políticos e sociais do branco colonizador. Todavia, sabemos que esses direitos nunca foram plenamente desfrutados, e, desde então, o preconceito tem se perpetuado, muitas vezes, camuflado por uma “falsa democracia”.

Como vimos, com exceção das piadas sexistas, todas as demais

⁹ Disponível em: <http://piadistasdeplantaio.no.comunidades.net/piadas-racistas>

apresentam um estereótipo negativo para o negro, com mais frequência a sua associação com ladrão ou a sua definição como um ser detestável. Além disso, em algumas delas, aparece a figura do branco contrapondo-se à imagem negativa do negro, o que mostra, de maneira mais explícita, o preconceito e a ideologia que se quer cultivar.

Por fim, nosso desejo não que é as piadas deixem de ser contadas, pelo contrário, já que temos um significativo interesse por elas, mas sim que as pessoas tenham a percepção de que, mesmo apresentando as piadas um faz-de-contas e soando com tom de brincadeira, elas, na maioria das vezes, reproduzem um discurso preconceituoso, veiculando estereótipos, frutos de ideologias das classes dominantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Silvia Lúcia dos Santos. *Estratégias discursivas e o humor na publicidade televisiva*. Rio de Janeiro, 2003. Tese (Doutorado em Comunicação). – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BERGSON, Henri. *O riso*. 2. ed. Trad. de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1983.

BORGES, Eliana Maria. *Discursos de identidades em tiras de humor*. Campos dos Goytacazes, 2006. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem). – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2004.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 5. ed. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. 1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, André Marcos de Paula e. *História e cultura afro-brasileiras*. 2. ed. Curitiba: Expoente, 2008.

SILVA FILHO, José Barbosa da. A história do negro no Brasil. *CADERNOS PENESB*, n. 7, p. 102-134, nov. 2006.

TONINI, Ivaine Maria. *Identidades capturadas*. 2002. Tese (Doutorado em Educação). – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.